

# COTIDIANO NA METRÓPOLE: UMA CRÔNICA SOBRE A INFÂNCIA PERIFÉRICA EM SÃO PAULO

Thayna da Silva Mourão <sup>1</sup>

1.

A infância e a cidade, enquanto campo de investigação científica, é algo relativamente novo, sendo abordado apenas na segunda metade do século passado (MÜLLER, 2014). Apesar de recente, se comparado a outras áreas de investigação, pode-se dizer que avançou-se muito em suas proposições, superando a visão adultocêntrica e uniforme em relação às crianças e à infância. Compreendendo a diversidade de contextos em que se dá a construção de um ideal de infância, busca-se aqui a reflexão sobre uma produção específica: a realizada nas regiões periféricas do município de São Paulo. Como essa cidade que cresce de modo tão acelerado, e por vezes caótico, influência na construção dos sujeitos periféricos?

A produção de um texto acadêmico, mesmo que organizado e constituído para se adequar a regras e a fim de possibilitar a comunicação entre todos os que estão imersos nesse universo, também traz uma grande carga pessoal. Bem como mostrou Freyse (2016), estamos impregnados por nossas histórias, que desembocam também em nossas escolhas acadêmicas. Envoltos pelo manto da neutralidade da ciência busca-se esconder o caráter pessoal daquele que faz a pesquisa e a publica. Sendo o objeto aqui abordado tão caro a minha trajetória pessoal, vou usá-la como referência empírica e investigativa neste trabalho, conforme Freyse (2016). Pretendo aqui realizar uma etnografia por meio de uma fotografia retirada de um álbum da minha família, relacionando questões da cultura as de minha personalidade de maneira a exercitar o estranhamento perante o cotidiano. Compreendendo



---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em Pedagogia na Universidade de São Paulo, pesquisa nas áreas de didática e história da educação.

que a cidade tem grande impacto na formação dos sujeitos, quais seriam suas contribuições em minha atuação acadêmica?

2

2.

Poderia eu iniciar minhas reflexões com a frase clássica de Heráclito, ou até mesmo com *Vista Cansada*, de Otto Lara Resende, entre outros diversos pensadores que tematizaram a vida cotidiana. Entretanto, recorro a uma representação imagética e textual [Figura 1] utilizada nas redes sociais comumente tratadas por “meme”.

Figura 1 - Meme



Fonte: Facebook

Ao fundo está a imagem digital da pintura *Demócrito y Heráclito*, de Giuseppe Maria Crespi e sobrepondo-a encontram-se três caixas de texto azuis, para representar a fala, popularmente utilizadas em quadrinhos infantis ou adesivos colados sobre fotografias reveladas, com as seguintes frases organizadas, uma abaixo da outra, respectivamente: “¿Y si vamos este fin de semana al Río Nilo?”; “No, Heráclito. Siempre quieres ir a ese río.”; “¿Qué no es el mismo río, carajo!”.

A produção supracitada circula em uma rede social de grande alcance, que tem transformado em rotina o pensar sobre a rotina, com os chamados *memes*, publicações de pequenos textos, fotografias autorais, etc, mesmo que a maneira como essa reflexão ocorre possa ser questionada. Apresento esta produção justamente por sua ambiguidade, circulando em um meio que traz diversas informações imagéticas que se fazem presentes no cotidiano de milhares de pessoas atualmente, mas também uma reflexão por meio de uma relação entre o passado e o presente, o clássico e o contemporâneo.

A ideia presente na última frase citada é o que se pretende aqui fazer, tal qual diversos pensadores, sob a perspectiva da autoetnografia (FREYSE, 2016). O estranhar trata-se de abordar de uma outra forma aquilo que nos é comum e que por vezes deixamos de ver. Desta maneira pretendo aqui contar-lhes um pouco da minha vida sobre a perspectiva do presente, pensando o passado através de uma foto que diz muito sobre mim e, ao mesmo tempo não diz nada. Encaro aqui a fotografia como fato e imaginação. Portanto, este texto se trata de um diálogo entre os devaneios, a realidade de quem vos fala e de *alguéns* que aqui não estão (o fotógrafo e os fotografados). Por meio desses *envielados* caminhos tenho a pretensão de atentar-me às infâncias periféricas modernas, pois um dia também já fui parte disso.



Antes de tudo, acredito que seja importante o esclarecimento dos termos aqui utilizados. Entende-se infância como algo: estrutural, portanto parte da organização social e atuante como co-construtora desta; constitucional, que se compõe socialmente; e relacional, que se dá por meio da interação geracional. Estando elas imersas em uma cultura infantil (FERNANDES, 2004), da qual a imaginação cria algo peculiar a seu universo, modificando assim a cultura. Ela é claramente influenciada pelos adultos de maneira relacional, como já apresentado, não se tratando de mera reprodutora, mas de apropriação do que está para os adultos de tal maneira que se constitua parte também das culturas infantis, como os jogos musicados (FERNANDES, 2004).

O contexto se compõe como parte constituinte da infância. Considerando o fato de que 81% das crianças brasileiras vivem em áreas urbanas (IBGE, 2010), julgo necessária a investigação de como a cidade se apresenta a este grupo. Certamente tal interesse se liga à minha origem periférica e de tantos outros que passaram por mim. A cidade se apresenta como obra-prima humana, de sobreposições e diálogos entre tempos, espaços, sociedades, materialização do trabalho humano junto ao que é tido como natureza. Fani Carlos (2004) caracteriza essa relação como um movimento triádico de preservação, degradação e transformação que reproduz as cidades modernas em suas contradições. Sendo que:

A análise da cidade indica uma prática social de conjunto especializada, produtora de um espaço onde o uso se revela como modo da reprodução da vida, através dos **modos de apropriação do espaço** o que coloca a noção de reprodução no centro da análise. (CARLOS, 2007, p.22 grifo da autora)

A prática urbana, componente importante para a reprodução das relações sociais no espaço citadino, constitui um modo de agir e pensar que

sujeita um *modus operandi* generalizado da vida urbana e da racionalização. Uma vez que a cidade é concebida enquanto local de referência para a constituição da identidade “que comporá os elementos de sustentação da memória” (CARLOS, 2007, p.23) coloco-a aqui como aspecto relevante diante de minha identidade pessoal e investigativa a qual me proponho aqui a racionalizar, tanto o que está *de cor* quanto o que aparece na expectativa de uma apropriação consciente do espaço advinda das possibilidades de criação estabelecidas na cidade.

### 3.

Das caixas de sapato analisadas por Bourdieu (2006), aos álbuns de fotografia impressas que configuraram coleções, até as “nuvens” contemporâneas, os espaços de armazenamento das fotografias se ampliaram juntamente com as possibilidades de acesso a elas. A pretensão de ser “Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamentos do que de afetos.” (MARTINS, 2009, p.45). Hoje pode-se criar e armazenar infinitas fotos, de maneira que muitas delas acabam por cair no esquecimento, contrariando assim a ideia presente em sua fundação, de negação da fugacidade inerente ao moderno. Entretanto, pretendo dar um passo atrás, olhar uma foto que estava em meio a um álbum de família. Esse conjunto de fotografias que hoje torna-se cada vez mais escasso ainda se faz presente na casa da minha avó. As fotografias estavam anteriormente organizadas em pequenos álbuns que normalmente se comprava quando pretendia revelar mais de um filme, entretanto, posteriormente foram reorganizadas em um único grande álbum, em um momento em que não se adicionava mais fotos àquele conjunto por conta do advento das câmeras digitais. Apesar de já haver outra organização, a foto que vou aqui discutir estava em um pequenino álbum dentro de uma caixa de



sapatos, junto a outros das quais foram retiradas as fotografias para compor um maior, guardado no quase esquecimento da caixa que se abre ao máximo uma vez por ano, ainda mais por não estar junto as demais da coleção.

**Figura 2** - álbum de família



Fonte: Acervo pessoal

A figura 2 faz parte de uma coleção doméstica de homens comuns (MARTINS, 2009), registrada por uma câmera popular em fevereiro do ano de 1986, bem como indica impresso no canto inferior direito por “fev. 86”. Não aparenta a pretensão de registrar o cotidiano, mas sim desbanalizá-lo.

Para isso, um dos recursos utilizados foi seguir a lógica das fotografias de estúdio, nas quais se pretendia simular a natureza como plano de fundo, aqui representada pela utilização de uma área externa onde encontra-se uma árvore ao fundo. Talvez esse padrão de composição seja uma herança de um momento em que a fotografia estava disponível apenas para os nobres, os quais a época do Brasil escravocrata pretendiam ser ressignificados como aqueles que civilizaram a natureza. O que podemos perceber é um padrão de composição, o que evidencia o caráter educativo das imagens, uma vez que revela a atuação de uma almejada imagem de classe, da qual percebe-se pelos detalhes, não pertencem, escolhendo “um cenário de fundo que enobreça os fotografados ou que sugira uma classe social que não é deles” (MARTINS, 2009, p.48).

Entre os fotografados estão: uma mulher adulta, considerando as vestimentas do período e o corte de cabelo, e três crianças, aparentemente meninas, devido ao uso de vestido, com exceção da criança com camiseta branca e short vermelho, e ao corte de cabelo, exclusiva a criança que entende-se pela composição e feições como menor do que as demais. Tais características revelam a possibilidade de análise da fotografia enquanto documento com capacidade de reprodução de certas concepções, mostrando-se com função educadora. Dentre as características descritas acima é possível notar ideias quanto a atuação de gênero, como a utilização de vestidos, determinadas cores e estampas, o short vermelho, os detalhes florais nos vestidos e calças da mulher adulta, que se mostra com uma vestimenta de modelagem e material distinto do utilizado pelas crianças, evidenciando assim uma distinção entre o que é ser adulto e criança. Gobbi (2011) também ressalta

As transformações históricas das concepções sobre infância e crianças: ora obrigadas a ficarem quietas em poses previamente determinadas, ora numa busca e aceitação de uma criança que se mostre brincalhona, capaz



de criar poses próprias. [...] As infâncias e suas brincadeiras estão compreendidas na pose exigida e ensinada pelo fotógrafo às crianças; estas ao mesmo tempo, posam conforme o esperado, mas parecem resistir a isso. (GOBBI, 2011, p.1224)

A resistência comentada pela autora referente a foto a qual faz a análise pode ser encontrada na foto aqui descrita observando-se a interferência do adulto que claramente visa colocar a criança menor onde se espera, revelando um caráter contraventor a normatização que se expressa mais claramente em crianças de menos idade. Entretanto as normas do que seria o esperado como atuação logo serão passadas a ela por meio da cultura infantil (FERNANDES, 2004), que produz e reproduz as referências do que é ser criança.

Outro fator que ressalta a teatralidade na imagem é o cenário na qual está inserida, apresentando casas de tijolos sem acabamento, roupas penduradas em um varal, caixa d'água exposta e um tanque de lavar roupas encostado em uma das paredes sem reboco ao fundo. As marcas de local de moradias precárias contrastam com a já comentada tentativa de retratar o que se entende por fotografável, sendo que “O decoro na apresentação pessoal, mesmo, e, sobretudo, nos mais vulneráveis à degradação, é uma forma-antídoto de enfrentar o cotidiano que desagrega e fragmenta a vida social e individual.” (MARTINS, 2009, p.50).

A fotografia suscita interação com ela, de maneira que pensamos fotograficamente, imaginando outras imagens complementando o sentido daquela. Gera sentimento, de maneira mais presente nas coleções domésticas, o “apontamento da memória, e não como memória, como lembrete do que se perdeu no cotidiano” (MARTINS, 2009, p.43). Ela em si não conta uma história, mas as relações que o espectador faz com os elementos imaginários representados ali pelo fotógrafo e fotografados,

mesmo que não intencionalmente. Os fragmentos do cotidiano ali estimulam a emoção, com uma relação de nostalgia, mesmo que não se estivesse no momento do *clic*, por seu caráter de instrumento da memória humana, pela memória do que já não está aqui e não voltará (MARTINS, 2009). Frente às questões apresentadas, selecionei a referida fotografia tirada em fevereiro de 1986, no bairro do Capão Redondo, Zona Sul de São Paulo, em um quintal de um aglomerado de casas na qual minha avó morava com suas duas filhas e marido. Sendo os fotografados minha mãe (a criança de branco e vermelho) e uma amiga de porta, uma colega da minha avó (a adulta presente na foto), dona da câmera e sua filha. As pessoas que estão presentes na foto hoje já não tem qualquer contato, de modo que a fotografia possibilita a rememoração de pessoas e momentos que se foram.

#### 4.

Se à luz da minha trajetória pessoal empreendi a escolha e análise da fotografia aqui comentada, cabe esclarecer que trajetória é essa e qual infância se apresentou a mim e a tantos outros.

Nasci no distrito do Grajaú na cidade de São Paulo e morei grande parte da vida em conjunto habitacional e apesar de viver em uma estrutura de moradia diferente, menos precarizada, que as do entorno, as condições destinadas à vida na periferia não deixaram de se apresentar a mim. As casas representadas na fotografia guardam como realidade a precariedade da maioria das residências periféricas que tive contato, e que se mostram como uma constante nas favelas pelo mundo (Harvey, 2008). Desde a mais tenra infância a moradia é fator de influência na construção de um corpo, um corpo urbano e periférico, que esteve exposto a intempéries em barracos de madeira, pisos batidos, diferentes dos acolchoados destinados às crianças abastadas, exposição a diversas doenças devido à falta de saneamento básico, entre outros fatores.



Os espaços do brincar eram basicamente as ruas, uma vez que os parquinhos aparecem na periferia por pouco tempo, em época de eleição, e depois se desgastam por falta de manutenção. A maioria das crianças tinha que rapidamente desenvolver a habilidade de irem sozinhas aos lugares uma vez que suas mães tinham de passar o dia fora. Não coloco mães devido à ideia corrente de que a mãe é responsável pelos cuidados com os filhos, mas devido à violência, abandono, cárcere, falecimentos, etc, a maioria das crianças do meu convívio eram responsabilidade da mãe e apenas dela.

Dado o exposto concluo que as crianças oriundas de regiões periféricas incorporam as práticas e pensamentos urbanos de modo peculiar, interpretando-os segundo as adversidades que lhes são apresentadas. Deste modo, coloco aqui a necessidade da compreensão da cultura infantil produzida nas periferias e da abertura de espaços para que os infantis (FERNANDES, 2004) possam de fato exercer seu direito à cidade, participando da construção de um modo de urbanização do qual não sejam privados de sua dignidade. Sendo que o “direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito comum antes de mudar a nós mesmo pela mudança da cidade.” (HARVEY, 2008, p.74) devendo ser esse um direito de todos para que possam se apropriar e constituir-se.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bourdieu, Pierre; Bourdieu, Marie-Claire. **“O camponês e a fotografia”**, trad. Helena Pinto e José Madureira Pinto, in Revista e Política, n. 26, Curitiba, junho de 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a04n26.pdf>>

Caldeira, Tereza. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

Fernandes, Florestan. **As trocinhas do Bom Retiro**. In: **Folclore e Mudança Social na cidade de São Paulo**. SP.1950.

Frehse, Fraya. Em busca do tempo nas ruas e praças de São Paulo e a lógica da exclusão. In: **Revista Ponto Urbe**. Online – Revista Ponto Urbe, número 18, ano 2016.

Gobbi, Marcia. Usos sociais das fotografias em espaços escolares destinados à primeira infância. IN: **revista Educação e Sociedade**. vol.32 no.117 Campinas Oct./Dec. 2011

Harvey, David. Reivindicando a cidade para a luta anticapitalista. IN: **Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana**. Editora Martins Fontes, 2014.

Lefebvre, Henry. O direito à cidade, In: **O direito à cidade**. Centauro, 2004.

Martins, José de Souza. **A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações**. In: **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo. Editora Contexto, 2008.



Müller, Fernanda e Brasilmar Ferreira Nunes. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento, in: **Educ. Soc., Campinas**, v. 35, no. 128, jul.-set., 2014.